



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 11, Vol. 2 (2017)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

O ESPANTO E A PROBLEMATIZAÇÃO COMO CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Oscar Kiyomitsu Kamesu¹

Resumen

El objetivo del artículo es discutir al respecto de la importancia de la filosofía en la formación de educadores. Las cuestiones fundamentales que han sido examinadas son: qué se entiende por filosofía y cómo esta se inserta en la formación de los educadores. Nos valemos de dos autores para auxiliar en nuestra investigación: Aristóteles y Demerval Saviani. La caracterización primordial de la filosofía que vamos a desarrollar se identifica con su origen: el espanto. Asociado al espanto está la búsqueda por el sentido de las cosas y la problematización de explicaciones consideradas como verdaderas. Identificamos en la actividad del educador una clara dimensión filosófica, aunque él no tenga conciencia de ello. Todo acto del educador es intencional, constituido de sentido y de valor. De este modo, cabe a la filosofía la búsqueda para recuperar la actitud de espanto dentro de la realidad educativa.

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela UNINOVE e mestre em Filosofia da Educação pela mesma universidade. Possui licenciatura pela PUC e bacharelado em Filosofia pela USP. É professor efetivo de Filosofia pela Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Suas pesquisas centram-se nos temas: formação humana, antropologia filosófica, iluminismo e teoria da complexidade. Contato. E-mail: kamesu@uol.com.br

Palabras clave: espanto, filosofía, problematización

Abstract

The objective of this article is to argue about the importance of the philosophy in the formation of educators. The fundamental issues to investigate are: what to understand by philosophy and how it inserts itself in educators formation. We use two authors to help our investigation: Aristotle and Demerval Saviani. The prime characterization of philosophy that we are going to develop identifies itself with its origin: the fright. In association with the fright, there is the search for the meaning of things and the problematization of explanations that are considered to be true. We identify in the educators activities a clear philosophical dimension, even if it doesn't have a self-consciousness. Every action of the educator is intentional, built in sense and value. There by it's philosophy's work to search for recovering the fright attitude before the educational reality.

Key words: fright, philosophy, problematization

Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar a questão da importância da filosofia na formação de educadores. Longe de ser uma questão trivial, ela nos confronta com algumas dificuldades a respeito da definição e caracterização do que se entende por filosofia. Entendo que é preciso fugir de alguns equívocos em relação à tarefa de definir o que seja a filosofia. Em primeiro lugar é preciso estabelecer uma noção ampla de filosofia que não seja restrita ao âmbito acadêmico e especializado de nossas universidades que, de modo geral, reduzem a filosofia à análise detida de textos de autores clássicos. A leitura estrutural de textos filosóficos traz como resultado comentários sofisticados e detalhados de trechos específicos, análises minuciosas de conceitos e suas transformações ao longo da obra de autores como Aristóteles, Descartes, Kant, etc. Penso que tal trabalho minucioso de exegese do texto filosófico, que poderíamos, num primeiro momento, identificar de modo negativo como a expressão da hiperespecialização e da fragmentação do conhecimento, seja uma parte importante da filosofia no âmbito da academia. Afinal,

não devemos nos descurar da leitura rigorosa do texto, identificando a sua estrutura argumentativa e a relação lógica entre as suas partes. Os comentários que resultam dessa leitura rigorosa podem produzir, em maior ou menor grau, o diálogo entre épocas e contextos diversos. No entanto, a filosofia é mais do que a exegese do texto, ela transborda os limites do conhecimento especializado. Penso que, ao procurar uma caracterização da filosofia, tampouco, devemos nos alinhar em outro extremo, que seria o de esboçar uma definição excessivamente ampla, pois isso implicaria em generalizações apressadas e equivocadas que projetam ou um grau de confiança excessiva² na filosofia, ou a declaração de sua completa inutilidade no contexto do mundo atual.

A filosofia identificada à ideia de espanto e de problema

Eu penso que devemos recuar do tempo presente e ir até as origens da filosofia para investigarmos a caracterização da filosofia em Aristóteles a fim de elaborarmos a seguinte questão. Até que ponto tal caracterização de filosofia é pertinente nos dias atuais? Certamente, embora pertencente aos primórdios da filosofia, Aristóteles não foi o seu pioneiro. Mas é necessário registrar que ele foi uma espécie de historiador da filosofia que reconstituiu o pensamento dos primeiros filósofos de forma rigorosa. Além da importância fundamental de Aristóteles para a história da filosofia, lembremos que o seu pensamento foi construído a partir de toda uma tradição que remonta aos pré-socráticos e desemboca no seu mestre Platão.

Na *Metafísica*, Aristóteles nos dá as características fundamentais do que entende por filosofia. Logo em seu início, Aristóteles afirma a seguinte tese: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. (ARISTÓTELES, 1979: 11). Trata-se de uma tese claramente antropológica, isto é, ela afirma algo fundamental que caracteriza o homem, a saber, o seu desejo natural de conhecer. Dois pressupostos estão envolvidos na tese. O homem não nasce com o conhecimento. Porém, à diferença de outros animais, o homem procura conhecer as coisas. A fim de detalhar o sentido antropológico dessa tese, examinemos brevemente uma outra que se encontra na política. Com efeito, no livro I da *Política* (1999), Aristóteles nos diz que o homem é um ser naturalmente racional e político.

² Sinal da visão equivocada da filosofia são alguns livros de autoajuda que apelam para determinados filósofos como fonte de autoridade que embasam os conselhos sobre qualidade de vida. Ou seja, a filosofia serviria para consolar as pessoas em tempos de crise. Exemplos não faltam. Há ainda títulos tais como *Nietzsche para estressados* (1991) e *Mais Platão menos prozac*(2001).

Por conseguinte, é evidente que o Estado é uma criação da natureza e que o homem é, por natureza, um animal político. E aquele que, por natureza, e não por mero acidente, não tem cidade nem Estado, ou é muito mau ou muito bom, ou sub-humano ou super-humano... (ARISTÓTELES, 1999: 146)

Para interpretar a condição natural do homem, é preciso recorrer à concepção de universo hierarquizado dos gregos e, em particular, de Aristóteles. O homem não se identifica ao primeiro motor, pois se ele possuísse as características dos deuses, que são autossuficientes, então poderíamos falar que ao ser humano não é essencial viver em sociedade. Tampouco o homem confunde-se com as bestas feras, pois só um ser inferior na escala das espécies seria capaz de viver sozinho. Os homens precisam da companhia uns dos outros, posto que não são autossuficientes nem tampouco são bestas. O homem ocupa a posição intermediária. Ele é um animal, porém o que o diferencia é a sua racionalidade. O desejo de conhecer, caracterizado como natural no homem, provavelmente nos remeta à condição intermediária do homem na hierarquia do universo. Se ele fosse um ser próximo a deus, seria onisciente e, portanto, já traria consigo todo o conhecimento. Porém, como um ser racional que ignora, por exemplo, os princípios da natureza, o homem deve ir em busca de tais conhecimentos. O que caberia a nós indagar é se no contexto histórico vivido por Aristóteles, o homem realmente deseja conhecer? Será que a sociedade em todas as suas vicissitudes reprime no homem o desejo de conhecer? Aristóteles não desenvolve tais questões, mas nós retornaremos a elas quando discorrermos sobre a função da filosofia na formação do educador. Na *Metafísica*, Aristóteles inicia por identificar as várias formas de conhecimento. Conhecer significa apreender as coisas desde a sensação passando pela memória até chegar à razão. Com efeito, a razão é a faculdade humana que é usada para realizar o conhecimento das causas das coisas. Aristóteles estabelece uma hierarquia das áreas do conhecimento³, cujo ápice é a filosofia.

A *Metafísica*, identificada à própria filosofia, é caracterizada como o conhecimento das causas primeiras e dos princípios das coisas. Nesse ponto, filosofia está afastada do conhecimento dos sentidos e tende a ser universal. Na

³ Dependendo dos saberes, a empiria é mais útil do que o conhecimento puramente teórico. Notadamente a medicina que é considerada uma arte dedicada à vida prática, deve se dedicar à cura não do homem universal (objeto da filosofia), mas do homem particular (Cálias, Sócrates, João, etc.). Por isso, o médico deve valer-se, sobretudo, da experiência para bem exercer a sua arte.

sequência, no capítulo II Aristóteles afirma o caráter universal do conhecimento próprio ao filósofo, que não possui domínio específico de nenhuma arte ou ciência em particular. A filosofia visa sempre ao estabelecimento de uma ciência universal. E sendo um conhecimento universal, a filosofia distancia-se das artes que possuem utilidade prática. Embora destituída de uma utilidade prática como a da medicina, que objetiva o reestabelecimento da saúde, a filosofia toca nos princípios fundamentais da natureza e da existência humana. Posto que tal conhecimento afasta-se dos sentidos e possui o grau mais alto⁴, será preciso que o homem tenha o impulso para sair dos conhecimentos fornecidos pelos sentidos para atingir o patamar mais alto no qual o conhecimento é apreendido pelo entendimento e pela razão.

Mas de onde surge o impulso inicial que nos leva ao conhecimento? A resposta é a admiração ou o espanto.

Foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores: por exemplo, as mudanças da Lua, as do Sol e dos astros e a gênese do Universo. (ARISTÓTELES, 1979: 14)

O conhecimento que nos conduz até às ciências que investigam as causas primeiras deve-se ao desejo do homem de fugir da ignorância. Ora, fugir da própria ignorância não se constitui em causa necessária e suficiente para se conhecer as coisas. O que significa exatamente o desejo de fugir da ignorância? Para Aristóteles ele surge da admiração e do espanto. É preciso espantar-se com a natureza que o homem ignora, como, por exemplo, a origem do universo e a causa das mudanças dos seres.

Mas para iniciar a busca pelo conhecimento, Aristóteles também dialoga exaustivamente tanto com os seus contemporâneos quanto com os que os precederam em várias de suas obras. Notadamente, na *Metafísica* (1979) Aristóteles dialoga com os seus predecessores ao examinar o que dizem os primeiros filósofos, chamados de pré-socráticos, sobre o que eles apontam como o princípio e as causas das coisas, antes de poder elaborar a sua concepção sobre o assunto. Há

⁴ Aqui nós podemos inserir uma dúvida no argumento de Aristóteles. Se o conhecimento é natural no homem, posto que todos desejam conhecer, como conceber que ele necessite de um impulso, identificado ao espanto? O espanto também é natural? Guardemos essas questões para abordá-las mais adiante no texto.

uma característica que devemos reter de sua origem a partir da obra de Aristóteles. Devemos ressaltar o caráter dialógico da filosofia no qual todos os filósofos contribuem para o conhecimento da ciência das causas primeiras. Ou seja, Aristóteles, especificamente, na *Metafísica* (1979) não cita os seus predecessores a fim de negá-los. O pressuposto que subjaz ao diálogo é o de que todos os filósofos trouxeram contribuições para o conhecimento dos primeiros princípios e das causas da mudança das coisas. Nesse sentido, Aristóteles jamais se comporta como um cético que diante da multiplicidade de teorias, muitas delas conflitantes, decide suspender o seu juízo acerca da verdade. Aristóteles no capítulo III, quando discorre sobre os quatro sentidos da causa, já expostos por ele na *Física*, faz questão de examinar os filósofos precedentes que trataram do mesmo tema.

Já estudamos suficientemente estes princípios na *Física*; todavia queremos aqui associar-nos aos que, antes de nós, se aplicaram ao estudo dos seres e filosofaram sobre a verdade. É com efeito, evidente que eles também falam em certos princípios e em certas causas; tal exame será, portanto, útil ao nosso estudo, porque ou descobriremos uma outra espécie de causas, ou daremos mais crédito às que acabamos de enumerar. (ARISTÓTELES, 1979: 16)

Cada teoria elaborada pelos filósofos que obviamente pretende ser verdadeira contribui para a história do pensamento. Marilena Chaui, na *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles* (2002), afirma acerca do caráter dialógico da obra de Aristóteles⁵, que “o diálogo dos filósofos é uma ascese ou depuração da verdade, não como um progresso inelutável, mas como um trabalho sempre renovado”. (CHAUÍ, 2002, 331)

Mas, para que esse trabalho que a filosofia exerce enverede pelo caminho da renovação, é preciso que os filósofos se deparem com aporias⁶ que impulsionam as

⁵ Interessante notar que em várias obras de Aristóteles quando lidas atentamente evidenciam a cada parágrafo o caráter de diálogo intenso com outros filósofos. O que nos leva a concluir que um texto para ser dialógico não precisa constar, necessariamente, da exposição de suas ideias e conceitos em forma de diálogo. Mesmo com todo o rigor lógico com que Aristóteles constrói os seus argumentos, o diálogo se exerce de forma tão intensa na *Metafísica* quanto, por exemplo, nas obras de Platão. (Há de se chamar a atenção para a complementariedade entre dialética e ciência que tão bem Osvaldo Porchat soube mostrar em sua monumental obra, *Ciência e Dialética em Aristóteles* (2000). Ou seja, a ciência é caracterizada enquanto conhecimento que se expressa na demonstração rigorosa a partir de premissas que se articulam em torno de princípios indemonstráveis a fim de produzir conclusões necessárias não conflita com a dialética que expõe opiniões e tendências contraditórias.)

⁶ Aporia na sua etimologia é composta do sufixo negativo, *a*, e de *poros* que significa caminho, passagem. Assim, aporia seria a incapacidade de realizar um trajeto, de deduzir algo. Aporia no sentido mais usual é algo que se mostra insolúvel. No entanto, poderíamos pensar que a aporia para a filosofia é um problema genuíno de difícil solução que ao invés de conduzir o pensamento à paralisia, ao contrário, dá novo impulso, assim como o espanto, na investigação sobre a verdade.

teorias a novas direções. A aporia surge não apenas entre as teorias dos filósofos como também entre a teoria e a realidade. Nesse sentido, tomemos o exemplo de Parmênides que afirma que o uno é imóvel assim como a natureza. No entanto, o filósofo tem de dar conta da multiplicidade e movimento das coisas a partir do mundo sensível. E tem de se dar conta também das teorias dos que afirmam o contrário: a natureza está em constante movimento. O que nos chama a atenção na *Metafísica* (1979) de Aristóteles quanto à caracterização da filosofia é a de que as aporias, juntamente com o espanto, se constituem no impulso decisivo para que as teorias filosóficas se modifiquem. A teoria filosófica não é um mero capricho de quem a elabora, mas um meio para se investigar a verdade. As aporias indicam que a filosofia deve se voltar sempre à realidade e ao diálogo franco e aberto com as outras teorias. Após a consideração da opinião de vários filósofos sobre o princípio da natureza, Aristóteles afirma:

“Depois destes e, de tais princípios, visto serem insuficientes para gerar a natureza das coisas, os filósofos, de novo constrangidos, como dissemos, pela própria verdade, foram à procura do princípio que lhes seguia”. (ARISTÓTELES, 1979: 18)

Ou seja, a aporia imposta pela realidade e por outras opiniões faz com que a filosofia sempre tenha o impulso renovador. No entanto, poderíamos pensar que as aporias não são algo que se impõe necessariamente à filosofia, pois os filósofos, por mero capricho e vaidade, as ignorariam. Identificamos duas atitudes que indicam o caminho mais conservador e, portanto, não renovador da filosofia. A primeira atitude é a de abandonarmos a busca da verdade e das soluções às aporias e aos problemas, adotando a postura cética. A segunda atitude seria a de simplesmente ignorar a aporia, preservando a todo custo a teoria já consagrada. Trata-se evidentemente de uma atitude dogmática que paralisa o pensamento e impede o homem de filosofar. Aristóteles claramente descarta o dogmatismo e o ceticismo como meios para o verdadeiro caminho da filosofia, que é o de perseguir na investigação em busca da verdade.

Do exposto até aqui, queremos salientar alguns traços fundamentais da filosofia enquanto atividade do pensamento que gera um conhecimento específico. A filosofia converge com o próprio desejo do homem de conhecer. A partir do

surgimento do homem na face da Terra, à diferença de outras espécies animais, iniciou-se a busca pelo conhecimento. Essa busca se deu sobretudo pelo reconhecimento da sua ignorância associada ao espanto diante do mundo. O espanto, juntamente com as aporias, provocou movimentos renovadores na história do pensamento humano. Devemos ressaltar que o que nos importa em relação a Aristóteles é o seu método de investigação filosófica, que ele deixa à mostra na *Metafísica* (1979). Em outras palavras, o que nos interessa é a forma como a filosofia procura investigar questões relativas tanto aos princípios da natureza quanto às relações sociais.

Mas a questão que nos colocamos é se essas características da filosofia que tentamos explicitar no pensamento de Aristóteles ainda fazem sentido em nossa época e podem repercutir no campo educacional. Posto que a educação é um campo fecundo para a investigação filosófica, podemos identificar tais características da filosofia em pensadores que pensam a relação entre filosofia e educação?

Tomo como hipótese de que a concepção aristotélica de filosofia contida na *Metafísica* (1979) está latente em pensadores significativos da filosofia da educação, como por exemplo, Demerval Saviani, e de que ela é de grande importância quando se investiga a validade da formação filosófica para educadores.

Demerval Saviani, em *Educação: do senso comum à consciência filosófica* (1996), ao discorrer sobre a filosofia na vida do educador, destaca a importância da elaboração do problema para se pensar a filosofia. O problema nos tira do que é habitual, ele rompe com crenças e valores que rondam, mesmo que inconscientemente, o nosso cotidiano. O homem é levado a novos pensamentos em novos patamares que o obriga a repensar os seus valores e a sua visão de mundo. O problema constitui-se nesse sentido um dos pilares que Saviani associa à filosofia, representando a primeira ruptura com o senso comum.

Com isto estamos em busca do ponto de partida da filosofia, ou seja, procuramos determinar aquilo que provoca o surgimento dessa atitude não habitual, não espontânea à existência humana. Com efeito, todos e cada um de nós nos descobrimos existindo no mundo (existência que é agir, sentir, pensar). Tal existência transcorre normalmente, espontaneamente, até que algo interrompe o seu curso, interfere no processo alterando a sua sequência natural. Aí, então, o homem é levado, é obrigado mesmo, a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo. É a partir desse momento que ele começa a filosofar. O ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos o nome de problema. (SAVIANI, 1996: 9)

Se fizermos uma aproximação desta primeira definição de problema com a noção de admiração e espanto de Aristóteles, podemos afirmar que o espanto e o problema rompem com o curso normal de nossa existência. Tanto o espanto quanto o problema, evocados por Saviani, nos colocam diante de nossa ignorância e assim se constituem no primeiro impulso para que desejemos dela sair. Mas qual é exatamente o significado que Saviani atribui à ideia de problema?

Dois significados de problema são afastados de início por Saviani: a noção de problema enquanto dúvida de algo que já se sabe. Por exemplo, saber o resultado de um problema geométrico não se constitui propriamente em problema, posto que a sua solução, mesmo quando não encontrada pelo aluno, é de antemão conhecida. O oposto, um problema cuja resposta é desconhecida, também não significa o problema com o qual a filosofia deve se defrontar, posto que há vários temas e questões que desconhecemos e que não nos causam qualquer tipo de espanto. Ou seja, o problema é algo pelo qual o homem sente necessidade de buscar respostas e soluções.

Para Saviani, o problema possui duas dimensões que não podem ser eliminadas e que se relacionam entre si: a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva. A dimensão subjetiva é a tomada de consciência do problema; na dimensão objetiva, o problema se dá pelas circunstâncias históricas objetivas.

A elaboração de problemas assim como as aporias não se dão por mero capricho dos filósofos, mesmo processo de Aristóteles. A noção de necessidade aparece como um dos fundamentos do problema. A dimensão subjetiva está imbricada na dimensão objetiva. A noção de problema em Saviani está relacionada à sua concepção de homem e do materialismo histórico dialético. Saviani esboça a antropologia filosófica a partir do materialismo histórico dialético, que em resumo nega a existência de uma essência previamente dada ao homem. E atribui a construção dessa essência ao próprio homem a partir da sua inserção no processo histórico. Nesse processo está presente a questão da alienação que, em termos gerais, significa alienar-se da própria consciência, na qual o homem nega que ele produza a sua essência por meio da existência.

O problema só se manifesta, então, se o homem não se aliena de sua própria condição. Em relação ao problema, como já mencionamos, o homem se depara com a necessidade. O problema não surge, nesse contexto, de uma angústia individual. Saviani esboça a antropologia filosófica a partir do materialismo histórico dialético, que em resumo nega a existência de uma essência previamente dada ao homem. E atribui a construção dessa essência ao próprio homem, a partir da sua inserção no processo histórico.

Mesmo que não adotemos a concepção histórico-dialética de Saviani, podemos reconhecer que os problemas, que a filosofia elabora ao longo de sua história, se revestem de forte caráter objetivo, posto que eles são impelidos pela necessidade. Aliás, pode-se ler os textos clássicos de filosofia como tentativas de respostas aos problemas que se impuseram como relevantes à realidade de determinado período histórico.⁷ Isto significa que a elaboração do problema não é uma criação livre que brota da cabeça do filósofo.

Cabe agora indicarmos a pertinência ou não do que até agora entendemos por filosofia na formação de educadores.

Filosofia, educação e educadores.

Mário Porta em seu livro de nome sugestivo, *A filosofia a partir de seus problemas* (2002) nos fala sobre a importância da filosofia para a sociedade.

Porque a racionalidade é sempre a tomada de consciência, a filosofia é essencialmente libertadora. Ela não dá novos grilhões. Uma cultura que não possua filosofia ou uma educação que não a ensine (e que, não obstante, pretendam valorizar o espírito crítico) não são mais que uma incoerência. A filosofia cumpre uma função imprescindível no conjunto da cultura e, por isso, no seio da sociedade. (PORTA, 2002: 49)

A citação acima atesta a associação entre a filosofia e a tomada de consciência por meio do espírito crítico a fim de libertar o homem das mais variadas heteronomias. Extraímos da citação alguns elementos para pensarmos a filosofia na formação de educadores. Supomos há séculos que o homem, dentre outros atributos, é um ser racional. E como todo ser racional, é capaz de tomar consciência,

⁷ Obviamente que, por serem filosóficas e universais, as respostas aos problemas transcendem ao período histórico em que eles se originaram. Até porque a filosofia é o conhecimento universal por excelência. No entanto, é preciso estar atento à leitura do problema filosófico e reconhecer nele um duplo aspecto; posto que mesmo que se trate de um problema circunscrito a um período específico, ele também contém traços que transcendem a sua época e dialogam, invariavelmente, com os dias atuais.

produzir significados, que nos libertem de preconceitos e obscurantismos de todas as espécies. O educador que tem como objetivo auxiliar na formação de seus educandos rumo à cidadania e à participação crítica na sociedade, deve nutrir-se da filosofia.

No entanto, nos perguntamos não apenas que tipo de filosofia estamos nos referindo quando a inserimos no contexto da formação do educador, mas também se ela, ainda que de modo intuitivo, está presente na própria atividade educativa.

As várias áreas da filosofia na qual a filosofia é tradicionalmente dividida podem contribuir para a formação do educador e devem ser escolhidas de acordo com o contexto a ser aplicado. No caso da formação de educadores, o foco recai sobre a intencionalidade da ação educativa. Qualquer atividade proposta em sala de aula deve ter um objetivo muito bem pensado.

O ato educacional pressupõe que o educador tenha consciência de vários conceitos que o envolve. É fundamental que o educador, por exemplo, tenha ideias relativamente claras do que é o ser humano. Só desse modo, ele poderá pensar sobre as melhores formas de torná-lo um ser humano melhor e cultivado. O educador deve ter consciência da questão clássica que norteia a antropologia filosófica, posto que é de importância fundamental para a formação do ser humano, a saber: O homem possui uma essência ao qual deverá ser conformado ou é resultado de um processo histórico em constante transformação?

Em relação à mediação do conhecimento, o educador deve ter relativamente clara as várias formas de conhecimentos quando planeja um exercício ou atividade para ser aplicado durante as suas aulas. Nota-se a necessidade de noções fundamentais que compõem a teoria do conhecimento (teoria, hipótese, experiência, dedução, indução), que é a área da filosofia que investiga as formas do ser humano de apreender e lidar com a realidade. Por exemplo, uma questão fundamental da filosofia para o professor é a de pensar sobre o processo de aquisição do conhecimento. Ele é o mesmo em todas as etapas da vida ou cada etapa exige o desenvolvimento maior de uma faculdade em relação a outra?

Ainda há a lógica, área da filosofia que investiga a validade do raciocínio que é fundamental para avaliar os argumentos que oferecemos aos alunos sob a forma

de explicação e justificativas e vice-versa. O conhecimento da lógica, juntamente com a apreensão dos fundamentos da ética, é de grande valia para a realização do diálogo entre professor e aluno, e dos alunos consigo mesmo.

Devemos, no entanto, retomar à questão inicial, a saber: a filosofia, mesmo de forma intuitiva faz parte da ação do educador? E que tipo de filosofia? Responderíamos sim, se considerarmos mesmo que, de forma não consciente, o educador possui ideia do que é o homem, o conhecimento, a realidade, a ciência, o saber, etc. O educador possui valores éticos e morais e, mesmo em tempos de crise, concepções políticas mais ou menos claras e arraigadas. Responderíamos não, ao constatar que muitas vezes tais concepções não são frutos de reflexões críticas e aprofundadas; pelo contrário, são crenças absorvidas ao longo da vida sem passar pelo crivo do exame crítico da razão.

Então devemos nos perguntar como pensar um curso de formação em filosofia para o educador que é desprovido de reflexões críticas sobre a realidade que o cerca e que, ao mesmo tempo, não possui um conhecimento básico de conceitos e teorias filosóficas? Deveríamos privilegiar os conteúdos das várias áreas da filosofia ou valorizar a atitude de espanto e problematização na formação do educador? Um curso de formação, de viés acentuado no conteúdo e na exegese de textos filosóficos que tratem da educação, sem dúvida abre um novo horizonte para o educador. Um texto filosófico bem lido sobre a educação, por exemplo, *O Emílio ou da educação* (2004) de Rousseau, faz refletir sobre as várias etapas da formação do ser humano; sobre a importância do desenvolvimento dos sentidos anterior ao desenvolvimento propriamente cognitivo; traz novas perspectivas de reflexão sobre a educação do período da infância até a idade adulta. O contato com as várias teorias do campo ético proporciona a revisão dos valores que estão inseridos na relação professor-aluno; aluno-aluno; professor-direção, etc. No entanto, um curso formativo voltado excessivamente para o conteúdo não faz com que, necessariamente, o educador desperte do sono dogmático que, por vezes, ele se encontra. Concluimos, por ora, que os conteúdos são necessários, mas insuficientes.

Se retomarmos o significado de filosofia para Aristóteles, baseado em seu percurso investigativo (o espanto e a admiração diante da realidade, mais as aporias

que impulsionam o desenvolvimento e a reformulação das teorias filosóficas) e o de Saviani que coloca a noção de problema como central para a caracterização da filosofia, então talvez estejamos mais perto do despertar do sono dogmático e da filosofia involuntária que o educador acaba por praticar e adotar. Tal disposição à problematização juntamente com o conteúdo da filosofia dá novos meios para o educador pensar a realidade escolar. Segundo Saviani:

Esclarecendo o significado essencial de problema; explicitados a noção de reflexão e os requisitos fundamentais para que ela seja adjetivada de filosófica, podemos, finalmente, conceituar a filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta. (SAVIANI, 1996: 22)

Tal reflexão radical, sistemática, abrangente e rigorosa vem acompanhada de uma postura crítica em relação ao chamado senso comum ou, como Saviani denomina, filosofia de vida. A filosofia de vida diz respeito a valores, ideias, ações e procedimentos consagrados no dia-a-dia, as quais as pessoas acabam por adotar sem problematizá-los. No ambiente da escola em várias situações predominam ações irrefletidas, destituídas de postura crítica. À filosofia da educação cabe então oferecer elementos para que os educadores pensem, de forma crítica, radical, reflexiva e sistemática, a realidade educacional.

A reflexão, proposta por Saviani, resultado da problematização, não se esgota em si mesma, ela serve, por sua vez, de impulso para a criação do que é chamado de ideologia. Ideologia é um conjunto de orientações de princípios e objetivos que norteiam as ações feitas a partir da reflexão crítica sobre a realidade. Trata-se então de uma relação dialética entre o pensamento e as ações. O pensamento reflexivo e crítico faz com que o educador reoriente as suas ações diante da realidade problematizada. A partir daí novas reflexões são suscitadas. De modo similar, Aristóteles propõe que diante das aporias da realidade as teorias sejam revisadas e renovadas. Ou seja, as aporias impulsionam as renovações das teorias e o progresso rumo à verdade.

Inspirando-nos em Aristóteles, diante dos vários problemas e aporias aos quais estamos imersos no mundo atual, afirmamos que o papel da filosofia na questão da educação é a de que ela deve instigar a atitude de espanto. Isto é, não devemos deixar que o estranhamento e o espanto se tornem naturais. Mas para

tanto, é preciso, ao lado, do espanto mobilizarmos a reflexão crítica, o pensamento sistemático e radical por meio do uso da razão para que possamos enfrentar as aporias da realidade educacional.

A partir do exposto, gostaríamos, a título de conclusão, de examinar algumas aporias e problemas que a atual realidade educacional suscita. Trata-se de uma primeira reflexão crítica sobre um dos inúmeros aspectos da realidade educacional.

Conclusão: exemplo de aporia e problema suscitado pela realidade educacional.

Dentre as várias aporias, destacamos uma da qual nós, professores do ensino médio nos deparamos no dia-a-dia, a saber, a oposição entre duas visões que relacionam a importância da educação como formação para o trabalho. Essa oposição pode ser expressa da seguinte forma: educação para o mercado versus educação para o mercado de trabalho⁸. Não restam dúvidas de que a formação para o trabalho é um dos objetivos fundamentais da inserção do jovem na sociedade. Mas o que significa trabalho? Como a formação do aluno influencia ou deve influenciar na inserção do jovem no mundo do trabalho e em sua visão de mundo? Frequentemente, no setor da educação, mesmo que de modo velado, há o embate entre duas posições acerca da formação que a educação deve dar para a jovem que vai ingressar no mundo do trabalho: educação para o trabalho versus educação para o mercado de trabalho. Alguns educadores utilizam argumentos de que o esforço do aluno em apreender os conteúdos propostos pelo currículo, dão a eles um melhor acesso aos empregos que exigem mais qualificação profissional, que traz supostamente maior rendimento financeiro. Assim, tais educadores defendem que a educação, pelo menos a partir do ensino médio, seja uma preparação para a entrada na universidade que dará acesso a mais oportunidades de ascensão econômica a social. Outros educadores, notadamente, os mais vinculados às áreas de humanas defendem a tese de que a educação que dá acesso ao mundo do trabalho deva formar necessariamente cidadãos críticos e conscientes do ponto de vista social. Aqui nós esboçamos um par de visões que se opõem e que conflitam com a realidade.

⁸ Não custa lembrar que a LDB lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no título II, artigo 2, trata dos fins da educação, enfatiza que a formação tem como foco o desenvolvimento da cidadania e para a qualificação ao trabalho. Tanto a noção do que seja cidadania quanto a noção de trabalho, apresentam-se de modo amplo e dão margem à interpretações e análises conflitantes.

Tomemos cada uma das posições em relação à realidade. Tomemos um exemplo hipotético. Imaginemos um aluno que se torne consciente em relação à realidade, que se forme com uma postura crítica acerca da sociedade hedonista e consumista e, por questões de sobrevivência, arranje emprego de vendedor numa loja. Ele terá de ser eficiente para se manter no emprego, isto é, deverá vender muitos produtos, fabricados em grande escala como se fossem exclusivos para o cliente. Enfim, ele de imediato constatará que o seu emprego reforça todos os valores da sociedade hedonista e consumista da qual ele é crítico. Aqui há a geração de um claro conflito interno de valores éticos e políticos. O jovem, no entanto, necessita entrar no mercado de trabalho a fim de sobreviver e, para tanto, invariavelmente, tem de se submeter sem questionar a valores que conflitam com os de uma educação crítica, ou, dito de um modo mais geral, 'humanista'. Penso que estamos diante de uma aporia imposta pela realidade, a qual o educador não pode se negar a pensar. A pergunta que reiteradas vezes se repete é: Que tipos de contribuição a educação crítica e humanista deveria levar para a nova safra de jovens trabalhadores que ingressam ano após ano na sociedade de mercado?

Por outro lado, em relação à formação que privilegia para o mercado de trabalho, cabe perguntar se os horizontes dos jovens não serão restritos a partir de uma educação baseada no tecnicismo? É de se notar que as faculdades e algumas universidades particulares no Brasil ressaltam em suas propagandas que os cursos por ela oferecidos são sinônimo de empregabilidade. Ou seja, as faculdades prometem a conexão direta entre o curso, o diploma (e não necessariamente ao conhecimento em seu mais alto grau) e o almejado emprego que trará uma melhor remuneração e uma vida mais confortável. Mas a que custo formamos jovens para serem empregáveis no mercado de trabalho? Não será a um custo muito alto? Estreitamos a sua subjetividade, reforçamos a razão instrumental, calculadora de lucros e sacrificamos a razão crítica a fim de que o jovem tenha formação necessária para ser competitivo no mercado de trabalho. Devemos ainda reconhecer que o custo desse tipo de formação causa o empobrecimento da experiência sensível e cognitiva. Impomos sonhos de ascensão social e econômica, e depois os atribuímos aos nossos jovens alunos que mal alcançaram a maturidade.

A atitude a ser tomada diante de tais aporias deve ser a de genuíno espanto. Trata-se de um problema genuíno, posto que não tem resposta prévia, possui o

caráter de necessidade e até mesmo o de urgência. O educador não pode se negar a pensá-lo e refletir criticamente sobre ele. Devemos nos esforçar, com a problematização, para sairmos de nossas posições arraigadas a fim de enfrentar os problemas. As concepções dos educadores, enriquecidas com conteúdos filosóficos das mais diversas tendências, que devem ser parte integrante da formação nas licenciaturas de qualquer área, necessitam ser reexaminadas a fim de reelaborar o pensamento em patamares mais exigentes e com isso traçar novos planos de ação. E para tanto, é preciso reabilitar, além do espanto, a atitude dialógica tão cara à investigação da verdade na *Metafísica* (1979) de Aristóteles. Ou seja, é necessário um esforço coletivo, de intenso diálogo, para que possamos reelaborar as teorias e práticas educacionais, posto que não se trata de um problema circunscrito que se limita a determinada instituição escolar. Trata-se no âmbito mais universal da complexa relação entre o processo formativo proporcionado pela educação e a sociedade na qual ela se insere.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. (1979) *Metafísica*. Tradução de Vinzenzo Coco. São Paulo – SP: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. (1999) *Política*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch e Baby Abrão. São Paulo – SP: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CHAUÍ, M. (2002) *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, 2ª edição. Companhia das Letras. São Paulo.

MARINOFF, L. (2001) *Mais Platão, menos prozac*. 2ª edição. Editora Record. Rio de Janeiro.

PERCY, A. (1991) *Nietzsche para estressados*. Editora Sextante. São Paulo.

PORTA, M. (2002) *A filosofia a partir dos seus problemas*, 1ª edição. Edições Loyola. São Paulo

PORCHAT, O. (2000) Ciência e dialética em Aristóteles, Editora UNESP. São Paulo.

SAVIANI, D. (1996). Educação: do senso comum à consciência filosófica, 11ª edição. Editora Autores Associados. Campinas

ROUSSEAU, J. (2004) Emílio ou da educação, 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

